

OFICINA DE ESCRITA: LINGUA(GEM) E SUBJETIVIDADE

Wagner Ernesto Jonas Franco¹, Juliana Santana Cavallari²

¹ Mestrando em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí. E-mail: dominiumwagner@yahoo.com.br; ² Professora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí. E-mail: judu77@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral compreender as representações a respeito de leitura, escrita, língua e linguagem de alunos do Ensino Médio de uma escola particular em Pouso Alegre – MG. Especificamente, o objetivo é analisar um questionário respondido pelos alunos durante uma aula de uma oficina de leitura e escrita promovida em parceria entre o colégio onde estudam e a universidade. Utiliza-se como base teórica a Análise de Discurso de linha francesa desenvolvida por Michel Pêcheux e trazida ao Brasil por Eni Orlandi. Enquanto uma disciplina de entremeio, a AD entende a língua como local onde se materializa a ideologia, formando o discurso. Não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. O sujeito é entendido como uma posição sujeito discursiva, interpelado pela ideologia e formado na e pela linguagem. Com base nesses pressupostos, conclui-se que ainda há uma discrepância entre o que a escola entende por língua e o que o aluno entende por língua. O trabalho com a língua na escola passa somente pela relação dicotômica de certo e errado. Dessa forma, problemas de leitura e escrita surgem. Um trabalho com a linguagem que leve em consideração sua opacidade e não transparência deve ser realizado na escola para permitir ao aluno sua compreensão como algo mais do que mero instrumento de comunicação, mas suporte da identidade e materialidade da ideologia e do discurso.

Palavras-chave: Linguagem. Escrita. Sujeito.

INTRODUÇÃO

A escola exerce papel importante na formação de sujeitos capazes de ler o mundo e escrever nele suas histórias. Para despertar o interesse na leitura, muitas escolas organizam oficinas de leitura e escrita com profissionais/professores para ministrar aulas no extra-turno para os alunos com suposta dificuldade.

Este trabalho tem por objetivo compreender alguns concepções de língua, linguagem, escrita e leitura de alunos que frequentaram uma oficina de leitura e escrita e responderam por escrito a um questionário em uma das aulas.

Este estudo visa a contribuir para o constante debate a respeito do ensino de leitura e escrita na escola que ainda é permeado por questões que atrasam seu

desenvolvimento como a noção de língua compartimentada, obrigatoriedade da escrita, e, principalmente, a diferença entre a língua escrita e a oralidade. Estas questões criam um distanciamento entre a língua do aluno e a língua que é ensinada na escola.

A compreensão sobre a língua e a linguagem varia de acordo com a área de estudo ou com o autor que resolve estudá-las. A língua e a linguagem então significam de diferentes maneiras. Mas a linguagem não significa sozinha, está intimamente ligada à sociedade. Os sentidos são socialmente construídos. Através da interação, os sujeitos falantes constituem o significado e constituem-se mutuamente. Ao significar o sujeito se significa. Esta maneira de conceber a língua(gem) se diferencia dos estudos de Saussure (2006), que concebem a língua enquanto um fato social abstrato e neutro, um “sistema de signos” que deve ser pensado em si mesmo.

Mas na língua há um *Outro* que é constitutivo. A linguagem não é neutra. Há o ideológico que evidencia os sentidos. E, aliando o simbólico ao ideológico, temos o discurso. Conforme Brandão (2004), o discurso é o ponto de articulação entre os processos ideológicos e os fenômenos linguísticos. A autora diz:

Como elemento de mediação necessária entre o homem e sua realidade e como forma de engajá-lo na própria realidade, a linguagem é lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais. Seu estudo não pode estar desvinculado de suas condições de produção. (p. 11).

A Análise de Discurso, enquanto disciplina de entremeio, (surgida das rupturas teóricas da Linguística, da Psicanálise e do Marxismo) idealizada por Michel Pêcheux na década de 1960 e trazida ao Brasil por Eni Orlandi vai tratar dos processos sócio-históricos de significação. Pêcheux diz que a língua é relativamente autônoma, abrindo espaço para o sujeito e as condições sócio-histórico-ideológicas como constituintes da construção de sentidos.

MATERIAL E MÉTODOS

Para empreender a análise, foram utilizados os pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso (AD) de linha francesa. Nesta linha de pesquisa, toma-se como corpus qualquer materialidade significativa. Neste caso, um questionário com três questões que foram respondidas por 6 alunos do Ensino Médio de uma escola particular em Pouso Alegre:

As questões eram: 1) Por que você gosta/não gosta de escrever?, 2) Por que é fácil/difícil escrever?, 3) Em que você tem dificuldades nas aulas de Português/Redação? Para a AD, língua é a materialidade onde se encontram o discurso e a ideologia. Não há língua sem sujeito e não há sujeito sem ideologia Orlandi (2010). Para se compreender a linguagem, há que se considerar o sujeito e as condições de produção desta linguagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através das respostas dos alunos, percebe-se que há um contraste entre o que eles entendem por escrever e o que a escola quer que eles entendam. O discurso da escola penetra no discurso do aluno e molda sua identidade enquanto sujeitos autores. O discurso escolar é homogeneizador, não respeita a individualidade do aluno e seu tempo para escrever e entende a escrita como uma capacidade inerente ao sujeito e não um processo a ser aprendido e aperfeiçoado. Além disso, escrever, para o aluno, relaciona-se com a Literatura e os gêneros literários. Com isso, pode-se entender que a escrita escolar é limitada e não alcança todas as esferas sociais.

A materialidade discursiva dos alunos revela o caráter obrigatório da escrita por parte da escola. Percebe-se a dificuldade do aluno em enquadrar sua linguagem em um molde, um texto (dissertativo, narrativo), sair da (des)organização do discurso oral e colocá-lo por escrito. Como exemplo, tomemos a fala de uma aluna:

S6: Eu acho que escrever é algo muito complicado, (...) Precisa achar as palavras certas, dar sentido e ter um pouco de sentimento, ou seja, tem toda sua, digamos **burocracia**. (grifo meu)

A palavra “burocracia” traz à baila toda uma memória de sentidos que envolve a palavra. Sentidos relacionados à gramática, obrigação, correção, demora. Memória constituinte dos sentidos. O interdiscurso. Aquilo que foi dito em outro lugar independentemente. (ORLANDI, 2010).

Ainda é muito comum na escola em geral e no ensino de línguas em particular, o equívoco de que língua é igual a gramática. Esse equívoco provoca uma divisão da língua para que seu ensino seja mais controlável. O resultado é

limitar a língua a noções de certo e errado e o professor vai procurar no texto desvios de ordem gramatical, ortográficos entre outros. Essa noção de língua por parte da escola refletirá uma preocupação por parte dos alunos (somente) com a gramática em seus textos.

CONCLUSÃO

Muitas questões surgem ao tratar da leitura e da escrita escolar. É possível perceber que ainda é muito comum a compreensão na escola de língua enquanto estrutura e sistema que se encerra em si mesmo. Apenas a relação dicotômica de certo e errado é levado em consideração na correção de textos escolares. Por estas razões, surgem as dúvidas e dificuldades.

A oficina de escrita deve ser pensada no sentido de promover hábitos de leitura e escrita em toda a escola. Leitura e escrita pensadas em todo seu aspecto social englobada em diferentes materialidades discursivas.

Sobretudo, o aspecto mais relevante do trabalho com a leitura e escrita é o sujeito. Este pensado discursivamente, constituído pela língua, indissociável dela. Sujeitos que são constituídos pelo e no outro, pela cultura do outro, pelo discurso do outro. Aprender uma língua é penetrar em novas discursividades. (CORACINI, 2007).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. 2ª Ed. rev. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2004.

CORACINI, M. J. **A celebração do outro**: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

ORLANDI, Eni. P. **Análise de Discurso**: Princípios e Procedimentos. Campinas: Pontes, 2010.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo, Cultrix, 2006.